



## "MEMÓRIAS ESQUECIDAS DE CORPOS VIOLENTADOS OU A VIOLÊNCIA DE GÊNERO NARRADA PELO CORPO"<sup>1</sup>

Alcione do Socorro A. Costa<sup>2</sup>  
Neiva Furlin<sup>3</sup>

O presente ensaio tem por objetivo apresentar uma etnográfica a partir das memórias narradas pelos corpos das mulheres que freqüentaram ou visitaram o Centro Mulheres que Amam Demais Anônimas (MADA) –PR, no período de Maio de 2008 à Janeiro de 2009. Nessa narrativa os corpos femininos apresentam-se como sujeito e revelador de violências físicas e simbólicas imposta às mulheres. Destacamos que as memórias aqui narradas pertencem, em sua maioria, a mulheres brancas, de classe média e de nível de formação superior, ou seja, trata-se da revelação de uma violência silenciada em função de um *status* social, que pressupõe a ausência de amparo legal e de mecanismo de segurança as mulheres, que entre a publicidade de sua dor e o silenciamento, "optam" pelo segundo. Assim, apenas o corpo retém essa memória e o revela a partir de sua cartografia, transformada neste trabalho em escrita etnográfica.

O MADA é parte de um conjunto de irmandades anônimas, que compartilham a tecnologia terapêutica leiga (12 Passos e 12 Tradições) desenvolvida por Alcoólicos Anônimos - AA que se tornam mundial e popular a partir da década de 50. Trata-se de grupos de leigos, reunidos em torno de um problema comum; o qual pode estar associado ao consumo e abuso de drogas, sexo, álcool, amor ou gerado por uma relação de sofrimento, por exemplo, vítimas de incestos e familiares de alcoólatras. Os agentes desses grupos compartilham a visão de que suas necessidades não podem ser atendidas pelas instituições tradicionais, pois são portadores de uma "doença" que define sua estilística de vida.

Apesar de apresentar as características referidas, o MADA distingue-se dos demais grupos, por sua origem ser fruto direto de uma publicação norte-americana classificada como literatura de auto-ajuda "*Women Who Love too much*", 1985, traduzida para o português como "Mulheres que Amam Demais". Essa publicação encontrou no Brasil as condições de legitimidade e visibilidade através de telenovela e *internet*. Atualmente está presente em mais de nove capitais brasileiras, e assim como os demais grupos, apresenta-se como um fenômeno eminentemente urbano. A primeira

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado como parte da Tese de Doutorado, orientada pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marlene Tamanini.

<sup>2</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Paraná, e-mail: [alcionne\\_costa@yahoo.com.br](mailto:alcionne_costa@yahoo.com.br).

<sup>3</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Paraná, e-mail para contato.



reunião foi realizada em São Paulo no dia 16 de abril de 1994, pela esposa de um alcoólatra e no período de sua fundação contou com o apoio do “Amada Mulheres Adictas à Pessoas” – AMAP de Buenos Aires que cedeu a literatura, a qual até hoje é utilizada. A chamada literatura são fragmentos de textos, retirados de manuais de auto-ajuda e de manuais utilizado por AA e NA (Narcóticos Anônimos), que são transformados em apostilas e disponibilizados aos grupos, como ferramenta terapêutica. Esse material caracteriza-se por apresenta um conjunto de valores e formas de proceder, comparáveis aos manuais de etiqueta estudadas por Elias (1994) em “O processo Civilizador”, o que significa dizer, que apresenta impacto na forma como as agentes desse espaço significam sua experiência e como re-significam o feminino.

Dados as diversas dimensões analíticas que este campo de pesquisa apresenta, neste trabalho o objetivo é apresentar as narrativas etnográficas de algumas mulheres, cujo conteúdo de violência provocou-me algumas reflexões.

Apresento o corpo como uma cartografia na qual se produz o gênero, portanto, o gênero define-se como “a estilização repetida do corpo; um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora e altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser” (BUTLER, 2008: p.59). Tal perspectiva recupera uma dimensão fundamental para análise - A existência de um discurso-poder agindo e definindo o corpo a partir de uma matriz de inteligibilidade hierárquica binária (macho x fêmea, natureza x cultura), insidiosa, contínua e ligada a uma estrutura reguladora, rígida e poderosa, que desempenha o papel de “um eterno imutável”, que se naturaliza como norma. A materialidade mais evidente desse discurso-poder é a violência contra a mulher.

Gostaria que os relatos apresentados, fossem lidos e pensados como uma extensa teia, tecidas a partir do dispositivo reflexivo, de espelhamento e cruzamentos, que compõe a ação das participantes no grupo, as quais são tomadas nesse trabalho como *Aracnes*.

Segundo a mitologia *Aracne* era uma exímia tecelã que ao entra em competição com *Atenas*, foi castigada e transformada em uma aranha. Seu castigo deveu-se a ousadia de retratar e denunciar publicamente a violência de *Zeus* ao seduzir e subjugar suas conquistas amorosas. Ou seja, seu castigo se deu por visibilizar aquilo que era de conhecimento de todos. Tal qual *Aracne*, a cada dia essas mulheres tecem com seus corpos, teias invisíveis que denunciam a violência sofrida e perpetrada pelos *Zeus* que se atualizam através do modelo binário de inteligibilidade e hierarquia de gênero, enraizado tanto nas vítimas quanto nos agressores.



*Apresentação das memórias esquecidas de corpos violentados em um Centro de Mulheres que Amam Demais Anônimas.*

As narrativas do MADA são dotadas de singularidades que desafiam a compreensão adequada do trabalho de pesquisa; como o anonimato e a espontaneidade discursiva, que em termos gerais, é uma experiência imediata de “recuperação” ou “um despertar reflexivo” ocorrido em função da leitura e identificação dos tópicos das apostilas. Assim, elas vão sendo tramadas como uma imensa teia, em que a experiência individual é convertida em uma memória grupal.

Com vista nessa perspectiva, o trabalho etnográfico apresenta-se como a técnica mais adequada e capaz de captar esse fluxo, cujas trilhas deixadas são definidas nesse trabalho como memórias esquecidas de corpos violentados, pois é essa a natureza mais exuberante apresentada pelo campo, desde minha inserção nele.

Visitei o MADA pela primeira vez com uma ex-aluna, que demonstrou interesse em conhecer o grupo após ter escutado apresentação do meu tema de pesquisa. Logo, ela apresentou-se como uma *mada*<sup>4</sup>, o que me intrigou inicialmente, pois, ela apresentava uma postura sempre altiva e segura, não parecia alguém que cometeria “loucuras por amor” (imagem que marcou o grupo, quando o mesmo foi apresentado na novela “Mulheres Apaixonadas” – 2003, de Manoel Carlos). Questionei-lhe a natureza de seu interesse e de sua “identificação com o rótulo”, ao que fui esclarecida de forma tímida; quase sussurrada, que ela estava separando-se do marido e durante sete anos sofreu violência física e psicológica do mesmo, sem que a família ou outra pessoa tomasse conhecimento desse fato, visto que, as agressões incidiam em pontos que podiam ser estrategicamente cobertos, como pescoço (estrangulamento), abdômen (chutes e pontapés) e cabelos (puxões). Além disso, existia a ameaça de que se a mesma o denunciasse; a mãe e os irmãos sofreriam as conseqüências. Após ter compreendido suas motivações marcamos para o dia 23 de maio, para irmos à reunião, que acontece todos os sábados as 17h00min no centro comercial de Curitiba em um espaço paroquial alugado, onde se concentram outros grupos: AA, NA, Nar-teen (filhos de narcóticos), Ala-teen (filhos de alcoólicos), N/A (Neuróticos Anônimos).

No dia marcado nos encontramos e durante o trajeto até o local da reunião ouvi sua narrativa. As memórias de *Antíope*<sup>5</sup> apresentavam-se como sonhos de acontecimentos que não

<sup>4</sup> Quando utilizado desta forma se refere às participantes do grupo.

<sup>5</sup> Era o nome da filha do deus-rio beócio Asopo, segundo Homero (Od. xi. 260); em poemas ela é chamada a filha do rei Nicteu de Tebas ou Licurgo. Sua beleza atraiu Zeus, que assumindo a forma de um ~*sátiro*, a tomou à força (Apolodoro iii. 5). Após isto ela foi carregada por Epopeu, rei de Sicião, que não a dava até obrigada por seu tio Lico. No caminho para casa ela deu à luz, na cercania de Eleutera no monte Citerão, aos gêmeos Anfião e Zeto, de que Anfião era o filho



tinham relação com ela, não transparecia dor ou qualquer emoção, além de uma profunda indiferença; como se os acontecimentos se referissem a outra pessoa. Várias vezes ela repetia: - “Parece que isso aconteceu com outra pessoa, não era eu e, hoje eu tenho medo de me envolver com outra pessoa e deixar que isso aconteça novamente comigo, será que de fato sou eu que provooco isso nas pessoas?”. Ao terminar a frase, ela justificava mais uma vez a decisão de procurar o grupo, pois queria resposta para aquela violência, que brotava no seu dia-a-dia como elemento inerente a sua realidade, tanto que o corpo já dispunha das marcas como se fosse parte de sua cartografia natural. As luxações, as dores eram infringidas pelas maiores e menores banalidades, como condensado no último episódio de agressão que culminou em sua decisão de separar-se de Zeus<sup>6</sup>.

Certo dia enquanto faziam compras, *Antíope* colocou um panetone no carrinho, ao que foi repreendida, pois o que estava sendo comprado obedecia unicamente as suas necessidades e desejos, porque era ele quem pagaria pelos produtos, portanto, não cabia a ela acrescentar nada, a não ser que o fizesse com o próprio dinheiro. *Antíope* devolveu o panetone à prateleira dizendo que no dia seguinte o compraria. *Zeus* avisou-a que se ela pedisse, ele o compraria, porém como isso não aconteceu, assim que chegou a casa, enquanto guardava as compras foi puxada pelos cabelos, derrubada ao chão e chutada, pois era desobediente e não sabia reconhecer a gentileza do gesto de *Zeus*. No dia seguinte, o episódio se repetiu agora em função dele ter se antecipado a compra do panetone e ela não ter dito “obrigada”. Enquanto chorava ao chão, avisou-lhe que aquela era a última vez que ele a machucaria. Assim, na semana seguinte procurou seu irmão e o avisou que estava se separando. A reação dele foi de espanto, como iria deixar uma pessoa tão afável, não tinha sentido. Porém, após revelar as marcas de agressão, as ações foram encaminhadas para que *Antíope* ficasse sobre a proteção da família e que o processo de separação judicial fosse iniciado. Além do trauma da experiência, nem um bem material foi levado da relação que durou sete anos. Naquele instante, sua condição era de aluna do oitavo semestre de contabilidade, moradora de uma república estudantil, que aos 27 anos tentava construir um novo espaço de reconhecimento de si; pois a relação de identidade estava ligada ao papel de esposa; tanto que quando o motivo da separação tornou-se público as pessoas mais próximas a olhavam com ar de “coitadinha” e lhe perguntavam quando ela daria novo sentido à sua vida e ao falar de seus planos de carreira e trabalho, escutou: -

---

do deus, e Zeto o filho de Epopeu. Ambos foram deixados para serem trazidos por pastores. Em Tebas Antíope agora experimentava da perseguição de Dirce, a esposa de Lico, mas enfim escapou rumo a Eleutera, e lá encontrou abrigo, inintencionalmente, na casa onde seus dois filhos foram criados como pastores. ([http://pt.wikipedia.org/wiki/Paix%C3%B5es\\_de\\_Zeus#Ant.C3.ADope](http://pt.wikipedia.org/wiki/Paix%C3%B5es_de_Zeus#Ant.C3.ADope) acessado em 14/04/2009)

<sup>6</sup> Todos os homens serão nomeados de Zeus, pois não tive acesso a esses sujeitos durante a pesquisa, até porque não era esse o objetivo. Mas observo, que nomear todos os homens desta forma, crio uma espécie de modelo, que ganha em substância na medida em que revela a hierarquia de gênero e suas dinâmicas.



“Nossa! Que idéia besta!”. Apesar da perversidade da frase ela tinha consciência, que há muito, esses eram seus valores, pois só começou a trabalhar e estudar como fórmula e tentativas de agradar Zeus e assim conquistar seu respeito.

Após a longa conversa, chegamos à reunião onde já estava disposta em semicírculo uma média de 20 mulheres. Exatamente as 17h00m iniciaram-se a Oração da *Serenidade* e após, fez-se um minuto de silêncio para que as presentes pudessem refletir sobre o propósito de estarem em uma sala de mútua-ajuda anônima. Em seguida deram-se as apresentações e a reunião seguiu dentro do seu processo ritualístico, que não será aqui descrito, pois demandaria um desequilíbrio em relação aos objetivos deste ensaio.

Quando *Antíope* apresentou-se, reservou-se em dizer que tinha se identificado com alguns relatos, principalmente, com o quadro descrito por uma das mulheres que narrou à condição de estranha dentro de sua própria casa; a qual não recebia visitas de seus familiares para não aborrecer seu marido e para não revelar a sua condição de agredida e submissa. Nas reuniões é fundamental e imprescindível que a mulher ao construir sua teia, fale seu nome, para que ela mesma ouça e tome consciência de sua existência; pois, a experiência do grupo informa que a maioria quando chega naquele espaço encontram-se num processo tão avançado de alienação de si, que tem dificuldade até de dizer do que gostam.

Após a reunião, todas as mulheres se cumprimentam e são livres para trocar telefones ou e-mail.

O comportamento de *Antíope* segue um mesmo padrão observado de outras mulheres que sofreram violência e que estão no grupo. O primeiro aspecto desse padrão é essa fala distanciada, que defino e mais uma vez repito, trata-se de uma memória esquecida do corpo, que nessa dinâmica aparece como uma topografia renegada exatamente por revelar com maior contundência aquilo que as palavras apenas anunciam.

Durante os relatos de violência física sempre tinha a sensação de uma naturalização desses atos, pois nunca escutei nada em relação à denúncia do agressor; na verdade a dinâmica tendia a uma acomodação da vítima a realidade do seu cotidiano, uma tentativa de pensar esse tipo de prática como se fossem episódios circunscritos a um determinado momento, ou seja, uma memória; revelada naquele espaço pela evocação reflexiva de si. As narrativas de *Úpermoira*<sup>7</sup> ilustram bem essa tentativa de acomodação.

---

<sup>7</sup> Sina que a pessoa atraía para si em função do pecado, ou seja, era uma consequência do pecado (<http://www.geocities.com/HotSprings/Chalet/8282/page22.html>, acessado em 10/04/2009).



*Úpermoira* durante a infância era molestada pelo pai. Apesar de denunciá-lo, sua mãe não acreditava no fato e por isso aos 16 anos, na primeira oportunidade que teve fugiu de sua casa para viver com a família de um rapaz com quem veio se casar e ter uma filha. Entretanto, desde o início, sentia-se atraída pelo irmão de seu marido, que ao longo de 4 anos tornou-se seu amante. Após a morte dos sogros, decidiu assumir sua relação extraconjugal, a qual no final se apresentou como problemática e insatisfatória; dado problemas de dependência química de seu parceiro. Atualmente está separada, mas não aceita essa condição, por isso, pensa em suicídio e frequenta o grupo em busca de ajuda.

É evidente nesse quadro, as dinâmicas de violência de gênero sendo convertidas a uma dimensão amorosa, ou seja; sob o artifício do amor, se desloca o problema da hierarquia de gênero e seus abusos, a uma questão meramente individual, “psicologizante” que, se de um lado tem a qualidade de revelar os fios mais tênues dessas relações, dificulta a crítica sociológica; na medida em que ela só pode ser construída quando elevamos essas teias tecidas individualmente, como reflexo privilegiado de uma dimensão social mais ampla, que precisa ser continuamente denunciada e analisada.

A fim de dar prosseguimento à visibilidade da diversidade do campo, continuo apresentando o tecido de outras mulheres. O primeiro é de *Tétis*<sup>8</sup>, que ironicamente foi nomeada assim, em função da tônica de sua narrativa, que apesar de não está dentro da lógica da violência física, sua trama é simbólica. Em sua primeira fala ao grupo, contou sobre o suicídio de sua mãe em razão do fim do casamento, que a deixou órfã aos 5 anos e culpando o pai pelo resto da vida pela ausência da genitora. Naquele momento *Tétis* procurava o grupo, orientada por uma psicoterapeuta, pois sentia desejo de aos 30 anos, tomar a mesma trajetória que sua mãe e deixar a filha de dois anos, com a qual era claro o distanciamento, a iniciar pela opção de não amamentar a criança, para que ela pudesse tomar remédio “controlado” para emagrecer e; segundo pelas vezes que tive oportunidade de conversar com ela e perguntar sobre a menina, pois meu senso materno assim me instigava, mas ela mudava de assunto e dizia que a filha era muito madura; e, voltava ao tema de sua obsessão – Zeus, bancário, 25 anos mais velho que ela, com o qual decidiu morar depois de vinte dias de namoro, deixando sua filha aos cuidados do avô.

---

<sup>8</sup> Tétis filha de Nereu e Dóris, era tão bela que o próprio Júpiter a pediu em casamento; mas como Prometeu, o titã, informou-lhe que Tétis daria a luz um filho que seria maior do que o pai, Júpiter desistiu do plano e determinou que Tétis se casasse com um mortal. Tétis foi uma mãe fiel, que apoiou seu filho em todos os desafios, velando por todos os seus interesses do começo ao fim.



A relação de *Tétis* com Zeus era marcada pela submissão, ela dizia que era a “cachorrinha dele”, que tinha práticas sexuais que a envergonhavam, mas que ela só “funcionava” com ele, mesmo tendo ocasionalmente relações com outros parceiros. Seu maior desespero acontecia quando por algum motivo ele negava-se a manter relações com ela. Isso era motivo para a frequência nas reuniões do sábado e da quarta-feira, onde ela repetia que tinha consciência do seu corpo está mais “cheinho”, porém que iria fazer uma lipoaspiração, e, que outros homens a desejavam, inclusive um rapaz 3 anos mais jovem que ela, com a qual estava pensando em morar junto. Assim, diante dessas evidências, não entendia porque Zeus a tinha rejeitado.

Narrativas do corpo como “moeda de troca” e reconhecimento é frequente e comum na fala das mulheres. São inúmeros os enredamentos nesse sentido, e assim, revela-nos a estabilidade do modelo patriarcal, que me atrevo a dizer; não sofreu transformação significativa com entrada das mulheres no mercado de trabalho, na medida em que, as estruturas institucionais responsável pela produção e franquia da subjetividade feminina, ainda se encontra enraizada em um modelo de afetividade “sádico”; que coloca o homem como inacessível ou apenas alcançável no “jogo dos desejos”, “de uma feminilidade-objeto”.

O feminino como objeto fica evidente, quando consideramos os regimes corporais imposto culturalmente a mulher a partir de um modelo perverso de estética, que tem como consequência intervenções cirúrgicas, distúrbios alimentares e dependência de anfetaminas como o caso de *Agléia*<sup>9</sup>.

*Agléia*, desde os 16 anos é viciada em anfetamina e por causa desse abuso já foi internada em hospital psiquiátrico por duas vezes. Atualmente frequenta dois grupos “Narcóticos Anônimos” e “MADA”, este há quatro anos. O consumo de anfetamina a levou também a um quadro de compulsão sexual, onde encontrava seu reconhecimento e sentia-se “poderosa”. Atualmente, tem consciência de sua verdadeira realidade, em suas palavras:

- Alguém que ao invés de ter feito duas faculdades, teve dois filhos com um alcoólatra. Que vive uma relação conflituosa com a mãe, e que tem consciência que precisa construir uma relação saudável consigo, mas não sabe como, pois tudo ao seu redor é doença. Como fazer isso se ela não aprendeu com a família que deveria ensinar? (*Agléia*, MADA, 2008)

*Agléia* se apresenta muitas vezes cansada de toda essa trajetória, que ela tenta re-significar através da entrega à condição de “*mada*” e assim buscar sentido prático no conceito amplo e aberto da literatura do grupo, que estabelece como meta de recuperação “fundar uma realidade saudável consigo mesmo”, o que pressupõe o desenvolvimento de uma autonomia de si, de colocar-se em

---

<sup>9</sup> Palavra grega que significa plena beleza.



primeiro plano, através da interrogação constante: “Isso me fará bem? Essa relação me permitirá desenvolver todo meu potencial? .

Durante o tempo de frequência ao MADA, observei que são poucas as mulheres que conseguem dimensionar o plano de suas narrativas em um nível em que se vejam como detentoras de escolhas e capazes efetivamente de desenvolver esses cuidados de si. No entanto, essas poucas mulheres quando tecem suas teias e a entrelaçam as outras, não deixam de chamar atenção de que naquele momento elas possuem a consciência de que a violência sofrida tinha como contraponto o aval do seu silêncio e de sua inércia. Além disso, elas dimensionam sua trajetória e reconhecem que desde a infância estavam submetidas a esse poder e que são ensinadas a jogar com ele. Nas palavras de *Têmis*<sup>10</sup> “descobri que desde criança fui ensinada a “jogar” primeiro com meu irmão e meu pai, pois tinha que ficar bem quietinha (para não apanhar), não podia disputar em pé de igualdade, tinha que ser com “jeitinho” e isso eu levei para meu casamento e para vida”.

A percepção de um quadro de dominação masculina que se dá desde o período da socialização infantil, aparece no quadro reflexivo do grupo e apropriado por essas mulheres, sob a égide de uma patologia, ou seja, da condição de ser *mada*. Assim, as questões de autonomia individual, ou até quem sabe, de uma afirmação feminina, se resvala nesse tangenciamento, que de alguma forma aponta para um deslocamento das questões políticas, para o plano de saúde e doença.

### *Bibliografia*

BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade* – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador I: Uma história dos costumes* – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

SANTOS, Ligia Pereira dos. *Mulher e Violência: histórias do corpo negado* – Campina Grande: EDUEP, 2008.

STREY, Marlene Neves. O sofrimento emocional de mulheres em busca de ajuda IN: MENEGHEL, Stela Nazareth (Org.) *Rotas Críticas: Mulheres enfrentando a violência* – Rio Grande do Sul: Editora Unisinos, 2007.

SAGOT, Montserrat. A rota critica da violência intrafamiliar em países latino-americanos IN: MENEGHEL, Stela Nazareth (Org.) *Rotas Críticas: Mulheres enfrentando a violência* – Rio Grande do Sul: Editora Unisinos, 2007.

SOARES, Barbara Musumeci. *Mulheres Invisíveis: Violência conjugal e novas políticas de segurança*

---



